

UNIFICAÇÃO

ÓRGÃO DA

UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS DO ESTADO DE S. PAULO - USE

N.º 9 — SÃO PAULO - DEZEMBRO DE 1953 — ANO I

Natal

VINICIUS

Significação do Natal

Celebramos, em todo o mundo cristão, na data convencional de 25 de dezembro, o nascimento de Jesus de Nazaré, o Messias anunciado pelas profecias judaicas, o Cristo dos gregos. Desde o início do cumprimento da sua missão na Terra, a figura do mesmo tempo humana e divina de Jesus provocou as mais acirradas controvérsias. Ele viera, como bem assinala o Evangelho, lançar fogo à terra. E esse fogo se levantou das centelhas das suas palavras e se propagou pelo mundo, se alastrou pelas nações, invadindo todos os continentes e transformando a face do planeta.

A data consagrada ao Natal vem nos lembrar aquele momento maravilhoso, perdido no princípio dos tempos, em que o Enviado de Deus se encarnou entre os homens. As lendas cristãs envolveram esse momento em tóda a poesia da antiguidade mística e mitológica. Durante séculos e mais séculos, por quase dois mil anos, a figura afável e enérgica daquele jovem judeu que saiu dos confins da Galiléia, para revolucionar o Judaísmo e ser sacrificado em Jerusalém, foi transformado no próprio Deus e exibido aos homens nas mais estragantes formas de idolatria.

Ele mesmo previra, entretanto, a desfiguração da sua pessoa e dos seus ensinamentos. O próprio Evangelho de João, o último dos textos elaborados sobre os seus ensinamentos, nos oferece um registro das suas profecias a respeito, e o anúncio do Consolador ou Espírito da Verdade, que seria enviado à Terra para restabelecer a verdade. Hoje, como sabemos, essa profecia já se cumpriu. O Espiritismo, como um segundo incêndio levantado pelas palavras de Jesus, espalhou-se por toda parte, separando da seara o joio das falsas interpretações.

Ao celebrarmos, pois, o Natal, segundo milenar tradição dos povos cristãos, não podemos nos esquecer do nosso indeclinável dever de fidelidade ao Consolador e à sua missão de restabelecimento da verdade. Lembremo-nos de que Jesus nasceu como uma criança judia, embalada pela ternura humana dos pais, José, carpinteiro em Nazaré, e Maria, que a tradição inclui na Casa de Levi, ou seja, na família do primeiro rei de Israel, na linhagem messiânica.

A imaginação dos antigos, excitada pelos numerosos cultos do passado, pelos simbolismos e cerimoniais das grandes ordens ocultas e das religiões mais diversas, não poderia conformar-se, como de fato não se conformou, com a naturalidade e simplicidade do nascimento humano de Jesus. Da mesma maneira, não conseguiu compreender e aceitar que esse espírito superior, baixado à Terra para o cumprimento de uma divina missão, pudesse viver, agir e desencarnar como os outros homens. A consequência dessa inconformação foi o que vemos ainda hoje, na apresentação de Jesus, por toda parte, pelas religiões cristãs, na forma de um mito semelhante aos grandes mitos do Paganismo, com todas as características mitológicas de Apolo, Mitra, Osiris e outros.

O Espiritismo nos ensinou, porém, que o mundo espiritual é o domínio da substância, da essência, e não da forma. As aparências interessam no plano físico. No plano espiritual, pelo contrário, o que interessa é a verdade profunda, em sua pureza absoluta. Os judeus não aceitaram Jesus como o Messias, porque ele não correspondia às formas mentais criadas pelo velho sonho messiânico do Judaísmo. Esperavam um príncipe e lhes surgira pela frente um operário. Aguardavam um herói superior a Hércules, e deparavam com uma figura humilde e simples, que pregava a bondade em lugar da violência. Da mesma maneira, os cristãos, mais tarde, repudiariam a simplicidade e a naturalidade de Jesus, para o transformar numa figura lendária, à altura dos mitos heróicos do passado.

Para nós, espíritas, o que se celebra na noite de 24 para 25 de dezembro não é nem pode ser o nascimento de Deus, porque Deus jamais nasceria entre os homens, numa forma humana. Não é, também, o nascimento de um ser misterioso, vindo ao mundo por artes de magia. Muito pelo contrário, é o humano e humilde nascimento de um príncipe espiritual, de um Ser Superior, mas cuja superioridade está nas suas virtudes, na sua incalculável elevação moral, no esplendor íntimo do seu conhecimento. É o nascimento, enfim, de um homem entre os homens, mas de um homem investido da mais alta missão que já se cumpriu na Terra.

Quando lemos, a propósito, o magnífico estudo de Allan Kardec sobre a natureza de Jesus, em "Obras Postumas", compreendemos bem essas coisas, e percebemos quanto é mais alta e mais bela a figura de Jesus na sua simplicidade humana, do que na desfiguração mitológica que dela fizeram. Não é acaso mais belo que o Mestre se tenha apresentado entre os homens na qualidade de homem, embora investido dos poderes supremos do Espírito? Não seria mesmo necessário, indispensável que assim o fizesse, para nos dar o exemplo da sua vida de pureza e de amor, de sim-

Segundo as convenções humanas, o mês em curso é aquele em que se comemora o natalício do Divino Mestre. Rezam as crônicas que esse acontecimento deu-se a 25 de dezembro, em Belém de Judá, Palestina, imperando em Roma, César Augusto e, como seu preposto na Judéia, o rei Herodes I, chamado o Grande. Tais são os dados históricos acerca do que podemos considerar como o maior e mais fulgurante marco da nossa história. Tão grande e decisiva foi essa ocorrência, que dividiu o mundo em duas eras distintas: a anterior e a posterior

placidez e justiça? Que exemplo nos poderia dar a figura de um Deus, revestido de qualidades extra-humanas, violando as leis naturais para baixar à Terra?

A grandexa suprema de Jesus está exatamente no sacrifício de se fazer humano, descendo até o nosso plano para se colocar em pé de igualdade conosco, e aqui, ao nosso lado, mostrar-nos as infinitas possibilidades que o corpo humano encerra, para o desenvolvimento espiritual da humanidade. A significação do Natal, portanto, para os espíritas, não é a do aparecimento de um novo mito na Terra, mas a do nascimento d'Aquele que veio nos redimir das trevas da ignorância e da maldade, ombreado-se conosco no sofrimento humano, para poder ensinar-nos as verdades divinas.

Jesus, ao penetrar no plano humano, com a sua encarnação, deu à humanidade um poderoso impulso nos rumos do Espírito. Esse fato é o que recordamos a 25 de dezembro, e ele merece tóda a nossa veneração. Devemos elevar o nosso pensamento a Jesus, agradecendo a Ele, nosso Senhor e Mestre, supremo diretor-espiritual do planeta, a bênção da sua vinda pessoal à Terra, para auxiliar e impulsionar decisivamente a nossa evolução.

à encarnação do Verbo de Deus, que se faz carne e habitou entre os homens. Vivemos atualmente os últimos tempos do segundo milênio desse sucedimento, isto é, 1953 anos após o nascimento do Messias, anunciado e prometido pelos antigos profetas.

Nada obstante, não é propriamente semelhante aspecto do fato em aprêo o que mais nos interessa. Cronologia, ordem descritiva e pormenorizada dos casos, determinando as regiões onde, e como se passaram, são dados interessantes, porém, o que realmente importa é saber a influência e as consequências decorrentes de um episódio de tão magnas e elevadas proporções.

Para bem aquilatarmos dos seus efeitos e da maneira como os mesmos podem afetar os homens, vamos nos recorrer à alvica-reira mensagem recebida pelos pastores que estavam no campo, e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho.

O Evangelista Lucas, assim relata o sucedido: Um anjo do Senhor apareceu-lhes, e a glória celeste brilhou ao redor deles, enchendo-os de grande temor. Disse-lhes, então, o anjo: Não temais; pois eu vos trago uma boa nova de grande gozo, que os será para todo o povo: é que hoje vos nasceu na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor!

Meditemos o teor desta mensagem, considerando devidamente a seguinte particularidade do seu contexto: Eu vos trago uma nova de grande gozo; é que hoje vos nasceu na cidade de Davi, o Salvador, que é Cristo, o Senhor. Nessa enclítica — vos nasceu — está tóda a majestade, valor, encanto e magia do Natal!

Nascer é iniciar, é dar começo a uma existência em determinado meio. Tal o fato histórico em sua feição genérica. Particularizemos, agora, o advento do Messias. Monologuemos assim: Ele veio ao mundo por minha causa. Que influência está exercendo em mim, a sua chegada? Onde a relação entre o seu natalício e a minha vida no momento atual? Que veio Ele fazer na Terra quanto à parte que me toca, como habitante deste orbe e membro que sou da humanidade? Eis a questão, deveras importante, para todo aquele que se considera e se diz cristão. Se o nascimento do Redentor não é ainda uma realidade em nós mesmos, influiu positivamente em nossa formação moral, onde a sua importância no que nos diz respeito?

Sendo o objetivo da obra messiânica redimir o homem, não miraculosamente, mas promovendo a sua reforma no que concerne aos seus hábitos e costumes, libertando-o da servidão do vício e das paixões sezes que o avilta e degrada, que significação terá isso para aqueles que se conservam na iniquidade, acomodando-se à corrupção, à venalidade e às baixezas generalizadas neste século? Que expressão assumem para essa gente o estábulo e a manjedoura de Belém? Para os que a sentem em seu fóro íntimo, representam uma vida nova, uma completa transformação. Fundamentado neste critério, perguntemos a Paulo de Tarso, onde e quando nasceu Jesus? Ele responderá: Foi na estrada de Damasco, quando eu, então, cego, intolerante e fanatizado por uma causa inglória, vi-me envolvido na sua divina luz. Dali por diante — já não sou eu mais quem vive — é o Cristo mesmo que vive em mim. Indaguemos da grande Pecadora onde e quando nasceu Jesus? Ela retrucará: Jesus nasceu em Betânia, certa vez em que sua voz ungida de pureza e santidade despertou em mim a divina centelha que eu trazia constringida no ergástulo da carne em cujas sensações até ali me comprazia. Apelemos, finalmente, para Dimas o bom ladrão: Onde e quando nasceu Jesus? Ele nos informará: Jesus nasceu no cume do Gólgota, precisamente quando a cegueira e a maldade da política sacerdotal supunham aniquilá-lo para sempre; dali Ele me dirigiu um olhar repassado de piedade e ternura, que me fez esquecer tódas as misérias terrenas e antegozar as delícias do Paraíso. Desde logo, senti-o em mim e eu nele.

Terminamos este ligeiro comentário sobre o Natal, lembrando este magnífico pensamento de Angelus Siléusius: — Ainda que Jesus Cristo continue nascendo milhões de vezes em Belém de Judá, se não nascer dentro de ti, tua alma perambulará extraviada e confusa. Contemplarás e adorarás em vão a cruz do Calvário até que ela se erga em teu próprio coração.

Mensagem de Natal

"Glória a Deus nas Alturas, paz na Terra e boa vontade para com os Homens", Lucas 2:14

O cântico das legiões angélicas na Noite Divina expressa o programa do Pai acerca do apóstolado que se reservaria ao Mestre nascente. O louvor celeste sintetiza em três enunciados pequeninos a plataforma do cristianismo inteiro.

Glória a Deus nas Alturas, significando o Imperativo de nossa consagração ao Senhor Supremo, de todo o coração e de tóda a alma.

Paz na Terra, traduzindo a fraternidade que nos compete incentivar, no plano de cada dia, com tódas as criaturas.

Boa Vontade para com os homens, definindo as nossas obrigações de serviço espontâneo, uns à frente dos outros, no grande roteiro da Humanidade.

O Natal exprime renovação da alma e do mundo nas bases do Amor, da Solidariedade e do Trabalho.

Dantes, os que se anunciavam, em nome de Deus, exibiam a purpura dos triunfadores sobre o acervo de cadáveres e despojos dos vencidos.

Com o Enviado Celeste que surge, através da Mangedoura, temos o Divino Vencedor, arrebanhando os fracos e os sofredores, os pobres e os humildes para a revelação do Bem Universal.

Dantes, exércitos e armadilhas, flagelos e punhais, chuvas de lódo e lama para a conquista sanguinolenta...

Agora, porém, é um coração Armado de Amor, aberto à compreensão de tódas as dores, ao encontro da Humanidade.

Não amaldiçoa.

Não condena.

Não fere.

Fortalece as boas obras.

Ensina e passa.

Auxilia e segue adiante.

Consola aos aflitos, sem esquecer-se de consagrar o júbilo espontâneo de Caná.

Reconforta-se com os discípulos no Jardim doméstico, todavia, não desampara a multidão na praça pública.

Exalta as virtudes femininas no Lar de Pedro, contudo, não menospreza a Madalena transviada.

Partilha o pão singelo dos pescadores, mas não menoscaba o banquete dos publicanos.

Cura Bartimeu, o cego esquecido, entretanto, não olvida Zaquê, o rico enganado.

Estima a nobreza dos amigos, contudo, não desdenha a cruz entre dois ladrões.

Cristo na Mangedoura representava o Pai na Terra.

O cristão no mundo é Cristo dentro da vida.

Natal! Glória a Deus! Paz na Terra! Boa Vontade para com os Homens!

Se já podes ouvir a mensagem da Noite Inesquecível, recorda que a Boa Vontade para com tódas as criaturas é o nosso dever de sempre

EMMANUEL

(Recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier).

Notas sobre o Natal

SUAS VÁRIAS DATAS NA ANTIGUIDADE —
ADAPTAÇÃO DO CULTO SOLAR AO CRISTIA-
NISMO — AS INVESTIGAÇÕES DA "ESCOLA
LIBERAL"

J. Herculano Pires

A celebração do Natal na noite de 24 para 25 de dezembro foi instituída nos princípios do século quarto da nossa era, em Roma, depois de longas controvérsias a respeito. As igrejas do Oriente celebravam o Natal a 6 de janeiro. São Clemente de Alexandria acreditava que o nascimento de Jesus se verificara a 19 de abril. Outras datas apontadas como prováveis eram as de 18 de abril, 28 de março e 29 de maio.

A fixação do Natal a 25 de dezembro não tem nenhuma base histórica. Os cálculos para esse fim se apoiaram na data escolhida para a celebração da Páscoa, que variava entre as igrejas do Oriente e do Ocidente, segundo informa Dom B. Botte, em "As Origens do Natal e da Epifania", Charles Guignebert em "Jesus", e outros estudiosos do assunto. Considera-se também como de decisiva influência na escolha dessa data o fato de nela se celebrar, nos antigos cultos solares, o nascimento dos deuses-solares, como Apolo e Mitra.

Não há, em todos esses fatos, nada que possa desmerecer a significação do Natal. O mundo cristão costuma celebrá-lo sem o menor conhecimento das suas origens. As igrejas, em geral, correm uma cortina pesada sobre esses fatos, e milhares e milhões de cristãos, no mundo inteiro, acreditam piamente que o dia 25 de dezembro assinala, de fato, a data histórica do nascimento de Jesus. O Espiritismo, entretanto, que tem por finalidade restabelecer o Cristianismo Primitivo na Terra, esclarecer de novo as cousas obscuras, não deixará de colocar novamente os pingos nos ii, em todas essas questões.

Todos os fatos e princípios do Cristianismo devem ser esclarecidos, para que a verdade brilhe em seu devido lugar. As tentativas de esconder a verdade produziram sempre os frutos mais amargos, chegando muitas vezes a ameaçar a fé cristã. A fé espiritual, ou a "fé raciocinada", como dizia Kardec, não pode assentar-se sobre a base movediça da areia convencional. Tem ela de se alicerçar na rocha da verdade, e quanto mais dura for esta rocha, tanto melhor, pois mais firme se tornará o edifício.

Não podemos querer substituir a data do Natal por outra qualquer, pela simples razão de não termos outra data, melhor do que ela, para collocarmos em seu lugar. Pelo contrário, a data de 25 de dezembro é a que mais nos convém. Porque, não conhecendo e não tendo nenhuma possibilidade de conhecer, com exatidão, a data real do nascimento de Jesus, o mais lógico será aceitarmos essa, já consagrada pela tradição, através de quinze séculos de lenta e laboriosa propagação do Cristianismo. Por outro lado, essa data vem impregnada, já de muito antes, das vibrações de adoração dos deuses-solares, o que vale dizer que há milhares e milhares de anos a humanidade celebra, a 25 de dezembro, uma efeméride espiritual da mais elevada significação.

O que importa, aliás, no Natal, não é o acerto histórico da data, mas a sua significação espiritual. Os povos antigos celebravam nesse dia o aparecimento do Sol, após a fria escuridão do inverno. Para eles, o Sol era a representação material da Divindade, que vinha salvar o mundo do gelo e da névoa, espalhando pelos campos a alegria das flores, anunciadoras dos frutos. A vida ressuscitava na Terra. O Sol tinha o poder de arrancar a humanidade das garras da morte, e era portanto o Salvador do Mundo. Os cristãos, consi-

derando Jesus como o Verdadeiro Salvador, não o material, mas o espiritual, considerando-o também como um Sol, não de esplendor passageiro, mas eterno, o "Sol da Justiça", a que aludia o profeta Malaquias, associaram naturalmente a data do culto solar ao nascimento do Mestre.

Como se vê, há um profundo e maravilhoso simbolismo nesse fato histórico que as igrejas procuraram sempre ocultar, como se fosse depreciativo para o Cristianismo. No dia

das antigas celebrações do nascimento da primavera terrena, os cristãos passaram a celebrar a primavera espiritual. Não viram mais o sol material surgindo das névoas do inverno, mas o Sol Espiritual que nascia das sombras do Paganismo e do Judaísmo, para a alvorada de luz do Cristianismo.

Esta adaptação, aliás, do mito solar à figura humana de Jesus e do culto solar, em suas várias modalidades, ao culto cristão, é uma das muitas misturas que os investigadores da chamada "escola liberal", nascida da Reforma Protestante, conseguiram descobrir no Cristianismo. As misturas começam no passado mais distante, desde a redação dos textos evangélicos, até à introdução de altares, ídolos, sacramentos e fórmulas litúrgicas na igreja primitiva, entre os fins do terceiro e princípios do quarto século da nossa era.

A primitiva escola liberal protestante, — logo mais transformada em correntes de crítica histórica anti-religiosa, que empolgaram até mesmo algumas altas figuras do clero católico, — encontra no Espiritismo clima que sempre lhe faltou, para o seu natural e necessário desenvolvimento. Ao contrário das igrejas, que fugiram de horror ante a profanação aparente dos seus cultos e das suas tradições, o Espiritismo, ansioso por conhecer e restabelecer a verdade, é certo de que a pessoa de Jesus e a sua verdadeira doutrina, longe de perder, só terão a ganhar com isso, estimulará esses estudos e essas pesquisas. As ilusões piedosas e as mentiras interesseiras irão sendo igualmente desfeitas. E como vimos no caso do Natal, restará o interesse poético e a beleza das tradições que não feriram os legítimos princípios do Cristianismo.

História da Menina Juliana

Tradução de João Teixeira de Paula

PIETRO UBALDI

Naquela noite longa e triste, uma menina, pequenina, pequenina, caminhava certa vez, sozinho, sozinho, enterrando os pés na neve, pela estrada de um vilarejo sem importância, antigo, como aliás o são tantos no Norte da Europa, onde os países são frios, o casario é de forma oblonga e onde há muita neve nos invernos. Não importa saber que nome tinha ele; basta-nos saber que era muito longínquo e que lá não foi nem Você nem eu. As janelitas das casinhas estavam iluminadas por uma luz que irradiava quietura e alegria. E a menina andava pela neve, sozinho, sozinho, caladinha, caladinha. E perseguiu o olhar.

— Ai de mim!, dizia de si entre si. Encontro-me sem companhia neste mundo que não tem fim, a minha casinha está lá em baixo, tão distante, e a caminhada será ainda comprida. Ninguém me estará esperando e mamãe já morreu. Não existe pois alma alguma para me querer bem!

Nuvens escuras, escuras, esparralhavam-se pelo Céu; mas atrás delas estava a Lua, que, quando aparecia, emitia um lindo raio prateado, o qual, caindo na neve, provocava cintilações argentinas. Era essa tenue luz de prata a única alegria que descia do Céu e banhava com a sua claridade forte a afeição que ia por aquelas janelinhas iluminadas. Tudo, a não ser o beijo que se trocava entre a Terra e o Céu, era sombrio e deserto: uma tristeza indescritível aguardava a menina, através daquele descampado vazio, para tragá-la na vila.

Caminhava. Parecia-lhe impossível a si mesma que um coraçãozinho assim tão pequeno como o seu pudesse dar guarida a uma dor assim tão grande; que nem a Lua pudesse vê-lo e que tudo devia estar como antes, no ramerrão costumeiro, como se a mãe não estivesse morta.

Já agora alcançara a última casa da aldeia. Chegara pois daquela planície desabitada. Olhou pela noite escura a dentro, e, com as mãos postas no coração, continuou o caminho.

Os Anjos, naquela noite de Natal, deviam estar no Céu, lá no Paraíso onde não existe essa coisa negra, negra, que se chama dor, mas apenas muita música, muita festa, muita bondade. Como podia a dor, que torna os homens santos e heróis, como podia estar inteirinha no pequenino coração de uma criança que vivia só consigo, sem que os Anjos que moram no Céu pudessem vir até ela e a socorressem?

Mal havia dado mais uns passos quando ouviu uma vozinha, que a assustou, dizer-lhe:

— Tenho frio!

Tremeu, olhou em volta e na cave de uma árvore vislumbrou um apagado claror prateado. Seria efeito da claridade da Lua? Não o sabia. Porém a vozinha tornou a dizer-lhe:

— Tenho frio!

Um menino, que estava com os pés róseos e nus na neve, com uma única camisinha de linho no corpo, lhe foi ao encontro. Era de um louro branquejado, que parecia luzir. O clarão da Lua, caindo na neve, formava em torno uma auréola lucifera. Por certo que era a claridade da Lua, visto que o próprio menino esplendia.

Juliana — este era o seu nome — teve medo, tremeu, depois sorriu e lhe abriu os bracinhos. E o menino falou-lhe ainda:

— Tenho frio!

Juliana, que trazia consigo o grande mistério da dor, compreendeu então o grande mistério do amor. Não tinha no corpo senão um vestidinho muito pobre, muito pobre; tirou-lhe uma das peças e a deu ao menino que tinha frio.

Pareceu-lhe que ele, alcançado por outro clarão luminoso, saiu de uma nuvem, veio a ficar mais lucitante; naquela brancura lunar, tudo se lhe esvaniu e confundiu e ela nada mais viu.

Estava frio e ela tiritava. Sim, tiritava, mas não chegava a compreender como dentro de si própria sentia uma grande luz, uma luz suave que escaldava, como escaldava o amor. Não dava conta da maneira como percebia essa luz, que era um calor luciluzente que estava nela; não o via, mas sentia-o. Era ele assim tão forte, que consumia a neve que lhe estava à roda, tornando-se cada vez mais distante. Súbitamente apareceu ali uma ervazinha tépida e perfumada, como as que soem aparecer numa linda noite de verão, nas quais se poderia andar como se estivesse pisando num tapete fôfo. As nuvens feianchonadas, muito carregadas, foram-se a pouco e pouco desaparecendo e a Lua, nos seus graciosos raios de esplendor irrisante, despontou magnífica, parecendo até haver no Céu uma harmoniosa música. Que música encantadora, que música indescritível! Escutava-se a menina num entusiasmo sem par. Talvez viessem lá de cima os Anjos até o berço do Menino Jesus:

— Paz na Terra aos homens de boa vontade!

Já o Céu, completamente livre de qualquer neblina de nuvem, encheu-se de miríades de estrelas cintilantes. Eram elas tantas, tantas! Cada uma tinha o seu encanto suave e bom; um foco de luz resguardava a menina tão pobre e tão só consigo.

Um fato estranho aconteceu então. As estrelas, como se estivessem de mútua combinação, começaram a desprender-se do Céu e a cair lentamente como se fossem flocos de neve argentea. Desceram todas ao prado. Quantas eram elas! Cobriram-no por inteiro, deixando-o com um colorido branco e azul. Corrou-se Juliana e recolheu essas flores do Céu, tantas quantas quis. Como permaneciam unidas, foi-lhe fácil juntá-las e fazer delas um vestido luminescente e cálido. Tudo era primaveril à sua volta.

A menina adormeceu ao relento, mas ouvia a música dulcíssima do Paraíso. Talvez fossem líras angélicas que se tangessem ao seu derredor.

Clareando o dia, encontraram, na soleira da última casa da aldeia, exposta à neve, uma menina morta. Reconheceram-na a uma voz: era Juliana, a criança que havia perdido a mãe. Porém um acontecimento miraculoso estepeficou aquelas almas.

Em vez de estar vestida com as roupinhas tão conhecidas pela redondeza, estava-o, dos pés à cabeça, com margaridinhas brancas e perfumadas, tão brancas que pareciam luciluzir. Ora homem nenhum, desde tempo imemorial, se lembrava de ter visto uma flor de inverno por aquelas paragens. Jamais alguém tinha lembrança de fenômeno igual: entre tanta neve, flores assim tão belas e frescas.

A cousa era extraordinária, miraculosa sem dúvida. Por todo aquele Natal, de ponta a ponta daquele país e dos que o circunvizinhavam, não se falou, por muitos e muitos dilatados anos, sobretudo à noite, ao pé de uma árvore de Natal, senão do milagre.

Esse país ainda existe, perdido lá pelo cañarum da Noruega. Possui um nome arrevezado e não sabemos pronunciar-lo. Mas a lenda mantém-se de pé, não obstante os séculos que passaram sobre ela, a ponto de pessoa alguma saber ao menos precisar a época em que aquilo se deu.

Conta-se a história da menina Juliana às crianças boas, porque enche o coração de afeto e faz a gente esquecer a dureza do inverno — onde há tanta neve e tanto gelo, tanta dor e tanta miséria humana.

III^o CONGRESSO ESPIRITA PAN-AMERICANO

O nosso Confrade, Cel. Pedro Delfino Ferreira Júnior, Presidente titular da CEP.A, enviou ao 3.^o Congresso Espirita Pan-Americano, que se realizou em La Habana (Cuba) no mês de outubro próximo passado, uma "Mensagem de Saudação e Alertamento", que publicamos abaixo:

"Senhores Membros do TERCEIRO CEP.A.

PAZ e LUZ.

Não podendo, Srs., minha voz de Presidente titular da CONFEDERAÇÃO ESPIRITA PAN-AMERICANA — CEP.A —, ecoar ao vivo, junto a vós, nesta hora, sobre todas as coisas, em que se instala em terras da Pátria de JOSÉ MARTI, símbolo de Liberdade de pensamento e de fé, o TERCEIRO CONGRESSO ESPIRITA PAN-AMERICANO, permitido me seja então que vos traga o meu pensamento, a vibrar na voz, sob todos os títulos autorizada e digna, de meu eminente quão ilustre substituto legal, Dr. José Augusto de Miranda Ludolf, Presidente em exercício desde dezembro de 1951.

Que poderá, todavia, pretender significar, nessa augusta assembléia, esse pensamento, que não apenas um gesto, uma atitude de fraternidade, de amor crítico, de consubstanciar o mais alto e ao mesmo tempo o mais profundo anseio de coesão em torno do ideal espiritual, no que tange, notadamente, à pureza da doutrina kardequiana e à simplicidade de sua prática honesta? E, paralelamente, que poderá trazer-vos esse mesmo pensamento, em função própria desse seu significado, que não uma palavra, fraterna e amiga, de estímulo e alertamento malgrado, bem o sei, o seu nenhum prestígio, a sua nenhuma autoridade?

Descendeste, pois, receber, mesmo assim, as minhas respeitadas homenagens e os meus mais altos respeitos à soberana autoridade que representas nessa colenda assembléia, de envolta às minhas saudações expressas em nossa fórmula já oficial: PAZ E LUZ, que representa, pela integralidade de seu enunciado, o mais elevado e puro ideal. Considerai igualmente, Srs., prestadas com alto apreço e reverência essas homenagens às nações de cujo movimento espiritual sois nobres Delegados, personificando as respeitáveis Entidades que orientam esse Movimento. Sobretudo, Srs., clevo a Deus a minha mais sentida súplica para que este momento de união e fraterno convívio se perpetue, criando e mantendo verdadeiro espírito de unificação e de unidade: Unificação direcional e unidade doutrinária. Mormente de modo a que esta possa cada vez melhor propiciar aquela.

E que poderá faltar para tanto? Simplesmente COMPRENSÃO e BOA VONTADE, se porventura faltam.

Que algo poderá existir suficientemente forte para nos dividir?

Nada, desde que a DOCTRINA seja interpretada com o cérebro e o coração; que seja compreendida e sentida, marcantemente quanto a dois de seus mais sérios problemas, um dos quais, porém, está praticamente solucionado, havendo apenas, quando muito, modos pessoais de considerar a ação desenvolvida nessa solução. Refiro-me à UNIFICAÇÃO. O problema que ela representa está, de fato, solucionado com a existência da CEP.A.

Em verdade, que representa, que é nossa Entidade Continental?

Dizem-no eloquentemente, e seria injúria vo-lo repetir, os mesmos Estatutos, notadamente os seus três primeiros artigos. De como atuou na Argentina, de 1946 a

1949, tomou conhecimento o 2.^o Congresso, no Rio de Janeiro. De como, no Brasil, se desempenhou, vo-lo dirá o Presidente em exercício, a quem cabe o dever e o direito de o fazer. Por agora quero unicamente deixar em alto destaque o residir a autoridade da CEP.A no prestígio que lhe emprestem as Entidades Federações, no apoio moral quanto material que lhe proporcionarem. Disto depende indistigavelmente o êxito de suas realizações. Não sendo um órgão de mando, mas de arregimentação, sobretudo de coordenação; não devendo nada impor, mas sugerir, agiu sempre dentro deste espírito de harmonia, tolerância e mesmo transigência. Jamais impôs; nem mesmo usou dos poderes prescritos nos seus Estatutos. Jamais se mostrou formalista. Foi sempre amiga, fraterna, descendente.

Agora instalando-se em CUBA, assim por certo continuará a sê-lo, cumprindo às Entidades adesas, entretanto, uma atuação mais viva do que a observada até o presente. E' preciso amar e respeitar a CEP.A, tal como tem ela procedido.

Em Cuba, as demais, podendo articular-se mais facilmente com os países da América Central, com a América do Norte, com as nações do norte e noroeste do continente sul-americano, poderá melhor expandir-se a atividade da CEP.A do que em Buenos Aires e Rio de Janeiro. Talvez melhor se possa operar o ESPIRITISMO DE FRONTEIRA, que sugeri e não encontrou a necessária ressonância.

Quanto ao outro problema só não está igualmente de todo solucionado porque não temos procurado bem compreender os seus dados. Diz ele respeito à UNIDADE DOCTRINÁRIA. Entretanto esta UNIDADE existe. Existe em toda a sua plenitude: clara, perfeita. Poderíamos mesmo afirmar ABSOLUTA.

Como, então, constitui um problema?

Porque não temos bem assimilado essa mesma unidade doutrinária, raciocinando detidamente sobre o que lhe concerne, não pesando o valor das expressões, como se as palavras ecoassem em nós impressionando tão só a superfície de nossa inteligência ou apenas a de nosso sentimento. Não atentamos na profundidade dos pontos fundamentais da Doutrina, não lhe profundamos o sentido, pelo menos em sua plenitude. E com isto talvez estejamos retardando a ação evolutiva, não já do Espiritismo em si, mas a dele em nós, donde, em natural decorrência, na humanidade. E' que, marchando com o mundo tal como o mundo é, continuamos entusiastas do império da Razão, que age pela análise das coisas em seu sentido horizontal, de superfície, olvidados de que a Doutrina já nos acena para o desenvolvimento de uma força superior, que tem caracterizado alguns poucos INICIADOS DA HUMANIDADE, entre eles JESUS DE NAZARÉ, por certo o mais potente, o mais elevado Espírito baixado ao nosso planeta. Referir-me quero à INTUIÇÃO, que, em linguagem simples, é como um ruminar de conhecimentos adquiridos pelo Espírito em sua vida infinita, no suceder de suas múltiplas existências carnis, estágios que elas são de experiências outras que não as colhidas nos planos da espiritualidade; é o despertar de uma consciência interior, patrimônio moral e intelectual do espírito, por ele constituído através, como recordamos acima, de sua vida infinita de criatura imortal.

A UNIDADE DE DOCTRINA, por conseguinte, existe: está na CODIFICAÇÃO KARDEQUIANA, em sua própria evolução, na forma clássica que os tempos e o consenso geral lhe vão estruturando. Ora, que se diz ser o ESPIRITISMO? Uma

ciência, propriamente dita? Uma filosofia? Uma religião? O que se tornou já hoje clássico, quase definição universal, é dizê-lo uma DOCTRINA de tríplice aspecto, indecomponível: científico, filosófico e religioso. Há quem substitua o aspecto religioso pelo moral, o que não obsta a que "o ensino dos bons espíritos tenha objetivamente puramente religioso", como o reconheceu, em 1934, o Congresso Espirita Belga. Fato pertinaz, entretanto, e indiscutível, é que o Espiritismo continua sempre considerado e apresentado como DOCTRINA TRÍPLICE EM SEUS ASPECTOS: Científico, filosófico e RELIGIOSO. E' de considerar ainda ser a moral espiritual a mesma moral cristã, não havendo Allan Kardec, consoante afirmou, encontrado outra mais elevada ou mais pura.

Ora, se o Espiritismo é a DOCTRINA CODIFICADA por Kardec, fundamentada no fenômeno espiritual de onde nasceu, mas ao qual, incontestavelmente passou a estabelecer regras, ditar diretrizes, ao mesmo passo que dele tirando conseqüências de ordem moral-religiosa orientadoras da conduta do homem no plano material, como do espírito nos planos da espiritualidade, deste modo perpetuando a prática do referido fenômeno, que do contrário teria caído no esquecimento, pelo desfastio, não cabe a quem se inculca espiritista afastar-se dos princípios fundamentais da obra kardequiana, a qual, em derradeira análise, é oriunda do ensino dos Espíritos Superiores que lhe deram lastro, melhor, lhe deram vida por que raízes, fronde e seiva para a frutificação num futuro a depender de nós.

Assim, pois, amigos e irmãos meus, é na forma clássica de apresentação do Espiritismo que o mundo vê nele a feição religiosa. São, mesmo, os que o negam, o repelem, caluniam e perseguem, que lhe reconhecem esse prisma, até mesmo para destruí-lo. Recentemente o parlamento inglês o proclamou religião entre as demais. O Governo Brasileiro, no recenseamento nacional o incluiu como religião na inquirição da crença religiosa. Assim vem sendo considerado na Islândia, Inglaterra, Estados Unidos, Holanda.

O que cumpre, pois, para solucionar acertadamente, é bem compreender a essência da Doutrina, a fim de se poder encontrar uma execução feliz da feição religiosa, sem afastamento do aspecto científico, que reside na experimentação do fenômeno e de seu estudo continuado; nem do aspecto filosófico, que é a doutrina em si mesma e sobretudo em suas conseqüências morais e, em decorrência, sociais.

O próprio e eminente Codificador encontrou a solução quando, diante, talvez, da força do fato, resguardou o sentido universalista do Espiritismo, apresentando-o, quanto ao aspecto religioso, como Religião NÃO CONSTITUÍDA. (Ver Obras Póstumas, trechos finais da Parte I do livro).

Temos, destarte, nessa conceituação dada pelo Codificador: RELIGIAO NÃO CONSTITUÍDA, a realidade do Espiritismo em seu aspecto religioso, porque assim capaz de iluminar as obscuridades de todas as religiões constituídas, sem se prender a nenhuma delas.

Cabe, outrossim, refletir nessa conceituação: RELIGIAO NÃO CONSTITUÍDA o embrião da IGREJA UNIVERSAL prevista por Jesus e cujo delineamento deixou expresso, não de modo formal, mas através de suas palavras e de seus atos: pela palavra quando, por exemplo, respondendo à samaritana que lhe indagava onde, afinal, cumpria adorar-se a Deus, se ali, em Sicar, no Monte em que se

erguera o templo dos samaritanos ou se em Jerusalém, lhe disse: — "Mulher, acerdita-me que a hora vem, quando neste Monte nem em Jerusalém adorareis o Pai; porque a hora vem e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem. DEUS E' ESPIRITO E IMPORTA QUE OS QUE O ADORAM O ADOREM EM ESPIRITO E VERDADE"; (Jo. IV: 21-24) e pelos atos pregando por toda a parte, a céu aberto, nos montes e praias, em casas residenciais e sinagogas... Assim foi que, mais tarde, observando esses exemplos, Paulo de Tarso pregaria até nos templos pagãos da Grécia. Temos, pois, que, consoante o pensamento e a ação de Jesus, o Cristianismo deverá ser uma religião não constituída, ou seja, como definiu Kardec (Obras Póstumas, local citado) uma religião sem templos, sem rito, sem culto, sem sacerdotes. E é assim que se apresenta — e não há como fugir daí sem abandonar ou trair sua doutrina e prática — o Espiritismo, como religião, por isso que, disse-o ainda Kardec, o Espiritismo toca forçosamente nas bases fundamentais de todas as religiões: Deus, a alma imortal, a vida futura.

Inferimos do exposto que, em realidade, RELIGIAO somente o é a que se apresenta SEM CONSTITUIÇÃO, tal como se apresenta o Espiritismo e se deverá apresentar o Cristianismo se os homens, dando-lhe a forma constitutiva, não o houverem desvirtuado; e que, portanto, não passam, as RELIGIÕES CONSTITUÍDAS, de simples SEITAS, ou, forçando até certo ponto o verdadeiro significado do termo, IGREJAS. Por isto, talvez, se haja tornado mais genérica a expressão Igreja Cristã do que religião cristã...

Concluindo, RELIGIAO NÃO CONSTITUÍDA é aquela que, não possuindo as características supra, limita-se ao culto íntimo, ao sentimento natural do "amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo". E negar não há ser justamente assim que o Espiritismo se mostra no campo religioso, pregando e agindo tal o fez Jesus, Jesus que não foi teólogo, não construiu templos, não estabeleceu liturgias nem jamais ordenou sacerdotes.

Dei a estas linhas o título de MENSAGEM DE SAUDAÇÃO E ALERTAMENTO. Devo explicar o porque dessa segunda parte do título?

Creio que não.

O panorama religioso do mundo se rasga, claro, aos nossos olhos, aos olhos de todos. Por toda a parte as religiões buscam dominar, procurando o poder temporal com o máximo descaramento pelo espiritual. Dos propósitos que animam, pelo menos no hemisfério ocidental, as superiores autoridades sacerdotais, estamos todos conscientizados.

Cumpre-nos, portanto, acima de tudo, UNIRMO-NOS. E esta união não se deverá limitar ao mundo espiritista apenas, mas a todas as ameaçadas correntes religiosas, guardando, embora, cada qual sua maneira própria de ser.

E é, sobretudo, como religião que teremos mais força moral e legal para a defesa de nossa TRÍPLICE DOCTRINA, da qual virá, mais cedo ou mais tarde, tudo dependendo, em grande parte, de nossa orientação, de nosso espírito de compreensão, de futuro da humanidade.

Deus salve a América!
Deus abençoe o mundo!
Cristo nos ilumine!

A vós, Senhores, PAZ e LUZ".

A USE é o organismo de direção e unificação da família espírita no Estado de São Paulo. Ela prestigia as sociedades espíritas, nas quais se apóia e das quais é constituída. Colaborar com a USE é demonstrar compreender as altas finalidades da III.^a Revelação Divina.

GRÉCIA

A INCOMBUSTIBILIDADE

O Contra-Almirante Dr. A. Tanagras, Presidente da *Sociedade Helênica de Pesquisas Psíquicas*, traz num dos últimos números de *Metapsichica* (Roma, Itália) um estudo sobre a incombustibilidade em algumas cidades gregas.

Essa prova de incombustibilidade, a que ele assistiu tantas vezes, se faz de preferência nas festas que se realizam anualmente, no mês de maio, em honra de São Constantino, as quais consistem na celebração, pelos católicos ortodoxos, de uma missa, quando então se aspergem os assistentes com água benta; no sacrifício de um touro e, ao cair da noite, na dança do fogo.

As festas chamam-se *anasténarias* e os adeptos têm o nome de *anasténarios*, por causa dos trejeitos, gemidos e suspiros de que se valem.

Os *anasténarios* (ou *nistinários*, como dizem outros autores) chamam-se também *iconobórios*, por levarem consigo, na ocasião das festas, a imagem de São Constantino e a de sua mãe Santa Helena, como se pode verificar pela gravura que, com a devida licença, reproduzimos ao lado, tirada exatamente quando um crente anasténario ou iconobório caminhava por um monte de brasas vivas, cuja calor era tão grande que afastava delas os assistentes.

Esse fenômeno é antiquíssimo e mais uma vez vem provar a veracidade do brocardo salomônico de que nada há de novo à luz do Sol: *Nihil sub sole novum*.

Na Bíblia encontramos alguns exemplos a respeito. Atemo-nos unicamente a um, por o julgarmos talvez o mais importante. Descreve-o o profeta Daniel no capítulo três. Com as necessárias reservas, relatamo-lo tal qual o encontramos no Velho Testamento.

O Rei Nabucodonosor, irado contra Sidrach, Misach e Abdénago, superintendentes dos negócios de Babilônia, por não adorarem os deuses pagãos, pergunta-lhes se é verdade que não os honravam, porque, sem assim fosse, seria obrigado a mandar lançar os seus servidores numa "fornalha de fogo ardente".

Responderam-lhe os ministros que os não adoravam, porque o Deus deles era mais forte do que os de Nabucodonosor. Este encheu-se de furor e ordenou que se fizesse uma fornalha com um fogo sete vezes mais forte do que o natural, onde eles, depois de ligados uns aos outros, foram lançados "com as suas roupas, e mitras, e sapatos, e vestidos".

Os homens que os haviam atirado na fornalha morreram com o só aproximarem-se dela, devido à alta temperatura. No entanto os nossos heróis nada sofreram e pondo Nabucodonosor, com a demais assistência, os olhos na caldeira, viram lá quatro homens andando de um lado para o outro no meio do fogo, sem a menor lesão, sendo que o aspecto do estranho era semelhante a de um Anjo. Esse fenômeno valeu a conversão de Nabucodonosor, que, temeroso da ira divina, cumulus Sidrach, Misach e Abdénago de honrarias.

Fora da Bíblia, conhecem-se mil e mais casos de passagem sobre o fogo, sem haver a menor molestação.

Estudaram a incombustibilidade ou a invulnerabilidade aos elementos da Natureza, notáveis mestres das ciências psíquicas, como, entre outros, James H. Hyslop, Frédéric Myers, Cesar de Vesme, William Barrett, Harry Price, o grande William Crookes e hodiernamente o Engenheiro Prof. Riccardo Salvadori, com a sua obra *La passeggiata sul fuoco*, em cujas páginas traz à tona, com pormenores, alguns casos célebres, como os de Kuda Bux e de Ahmed Hussain, que assombraram o mundo moderno com as suas demonstrações insólitas e inacreditáveis.

Na Idade Média a incombustibilidade constituía uma prova judiciária de que as ordálias nos deixaram exemplos. Era a *purgação por ferro quente* ou *ferro em brasa*, como se dizia em Portugal e Espanha. Cesare Cantù nos relata vários casos de mulheres que, para provarem a sua honestidade, andaram sobre o fogo, como Cunegundas, mulher do imperador Henrique, e Emma, rainha da Inglaterra, ou como um arcebispo de Firenze, que não se furtou à mesma prova, sem dúvida terrífica e de se arrepiarem os cabelos.

Arnaldo Gama, considerado clássico da Língua, tem em *O bário de Leça*, umas páginas de tocante beleza nesse sentido. Refere êle a acusação que Estêvão Gon-

PELO MUNDO



tines fez contra sua mulher Marina, acusada de adultério. Esta, com a mão direita espalmada, recebeu, perante numeroso público, uma brasa de ferro, com cujo contacto a mão reclinou apenas. Pôde dessa maneira provar ao marido e aos juizes a sua inocência.

No meio espírita o fenômeno é conhecido e talvez o mais digno de menção seja o que se passou com Daniel Dungs Home, quicã o mciór médium de efeitos físicos que apareceu até hoje.

Conta William Crookes que Home, na presença de várias testemunhas, meteu uma das mãos num fogão, retirou dali uma brasa acesa e a colocou num lenço que, em outra ocasião, se teria incendiado imediatamente. Outra vez, pegou numa brasa acesa e a deu a Lord Adare. Crookes, com a sua meticulosidade de sábio, examinou as mãos de Home e se convenceu de que, além de não estarem protegidas por nenhum inducto, não apresentavam o menor sinal de combustão.

Como explicar o fenômeno? Há várias teorias, quase quantos são os autores que cuidam dele. Cesar de Vesme, por exemplo, estudando-o sob o ponto de vista psico-fisiológico, o reduz a três categorias: a) *êxtase hipnótico*; b) *hipótese mágica*; c) *hipótese espiritualista*.

Há *êxtase hipnótico* quando o paciente possui qualidades especiais que o tornam imune à ação do fogo.

A *hipótese mágica* se prende ao poder que uma pessoa, por meio de esconjurações e rezas, tem sobre os elementos da Natureza.

A *hipótese espiritualista* é a que explica os fenômenos pela vontade do Poder Divino, transmitida por Espíritos encarnados ou desencarnados.

E' a hipótese que nós, Espíritas, naturalmente esposamos. D. D. Home, consultado certa vez a propósito, declarou que os Espíritos lhe cobriam as mãos com matéria fluidica, tornando-as incombustíveis. O *Psych News*, de 19 de setembro de

1936, relata as façanhas do xeque Fazil Elahée. Quando lhe disseram que Vitor Rabie, que possuía iguais faculdades, confessava que a incombustibilidade era devida à ação protetora de Espíritos, Fazil protestou energicamente, declarando que qualquer praticante do iogismo estava habilitado a produzir os mesmos fenômenos. Porém um médium vidente, assistindo a experiências de Rabie, viu diversos Espíritos que trabalhavam ativamente com êle para a inocuidade dos pacientes.

Que poder terá o Homem para produzir fenômenos sem a ajuda dos Espíritos amigos? O xeque Fazil tornava incombustos as pessoas a quem dava passes na espinha dorsal. Ora essas pessoas por certo nunca tinham ouvido falar em iogismo; no entanto o fogo não tinha ação comburentes sobre elas. Não está aí uma prova de que os Espíritos, com as suas enormes possibilidades, de que mal temos ciência, colaboram na produção do fenômeno?

Acreditamos que sim, pois que, a não ser desse modo, não chegamos a compreender como um mortal pode sair incólume de um braseiro e muito menos de uma fornalha, como no caso bíblico.

HOLANDA

CONGRESSO ESPÍRITA MUNDIAL TRIENAL

A Federação Espírita Internacional, com sede em Londres, está informando às entidades espíritas que, sob os auspícios da Associação Espírita Holandesa (*Nederlandse Spirituel Herkengcotschap*), vai realizar-se o Congresso Espírita Mundial Trienal, em Amsterdão (Holanda) de 11 a 18 de setembro de 1954.

Far-se-á o Congresso na sede do *Instituto Colonial dos Países Baixos*, que tem capacidade para 850 Congressistas. Serão postas à disposição da Comissão Organizadora uma Comissão de Salão, uma Secretária e uma Comissão de Credenciais.

O Comitê Executivo está preparando grandes programas de conferências e de excursões aos mais importantes lugares da capital e do Interior da Holanda.

Exibir-se-ão as bandeiras de todas as nações que lá se fizerem representar ou que as mandam.

A *Companhia Real Holandesa de Aviação* (K.L.M.) é o agente oficial junto ao Congresso. O órgão da Federação Espírita Internacional, *Yours Fraternally*, irá publicar as necessárias informações.

O Secretário Geral da Federação terá prazer em remeter um exemplar daquele boletim trimestral, a qualquer instituição ou pessoa (mesmo que não sejam filiações) mediante a simples remessa de um cupão postal internacional, que se pode adquirir nos Correios de qualquer país.

Estão-se dando tais informações com bastante antecedência, a fim de que todos os interessados possam tomar conhecimento do Congresso, interesse pelo acontecimento e promover a criação de fundos especiais para o envio de Delegados credenciados.

Pede-se à Imprensa em geral, e à espírita em particular, que dêem a maior divulgação ao presente comunicado para melhor brilhantismo do Congresso.

A Secretária da Federação Espírita Internacional (*International Spiritualist Federation*, 72 — Woodstock Road, Bedford Park, London, W 4, England) prestará maiores esclarecimentos a respeito do assunto.

Um Livro Esquecido
CUTTEMBERG FERNANDES

Não é de admirar que o sexto livro psicografado pelo médium de Pedro Leopoldo, não obstante o título sugestivo de "Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho", não tenha impressionado nem os espíritas, nem os profetas das demais correntes filosóficas de nosso País. O mesmo acontecera com "Emmanuel" e "A Caminho da Luz". Tudo leva a crer que os livros básicos da coletânea de Pedro Leopoldo não foram escritos para a nossa geração.

Dir-se-á, no entanto, que o ocorrido com o 5.º e 7.º volumes da mesma coletânea não explica o ocorrido com "Brasil, Coração do Mundo", por que aqueles tratam de assuntos menos palpantes para nós, enquanto este, na sua feição de hino de fé na Nacionalidade, nos toca mais de perto.

De fato, assim é. Mas, acontece por outro lado, que o Brasil vem sendo, há mais de um século, dominado de tal modo pela admiração das civilizações europeias e norte-americanas, que as afirmativas alvareiras do Espírito de Humberto de Campos não inspiram nenhuma confiança.

Ademais, estamos subdivididos, gravitando em torno de diferentes instituições de variados matizes, que se desgladiam, cada uma apenas interessada no seu próprio êxito, sem nenhuma consciência da realidade nacional e muitas delas tomadas do falso pressuposto de que o senti-

mento pátrio é um crime que deve ser extirpado radicalmente.

A posição de equilíbrio que é a ideal, segundo Emmanuel, não existe, nesses agrupamentos, sendo que, para alguns, é até sábia política diminuir os valores da Nacionalidade, como antídoto aos orgulhosos dos grupos políticos que constituem as nações.

Diante desse estado de coisas, os anúncios vibrantes do livro psicografado pelo médium de Pedro Leopoldo, ou são considerados pueris, ou perniciosos, devendo-se-lhes colocar uma pedra em cima.

Mesmo os espíritas dificilmente escapariam à influência das múltiplas correntes de pensamento que procuram hoje em dia destruir no mundo o conceito de Pátria, conceito realmente relativo, mas, tão necessário, ao nosso grau evolutivo, quanto o de Família e o de Religião. Para a cultura francesa, sobretudo, que tanto influíu sobre a nossa, a Pátria é um crime. "Letrados de todos os países, escreveu Julien Benda, devem pertencer ao número daqueles que se envergonham de ter uma pátria".

O livro "Brasil, Coração do Mundo" menciona várias vezes essa palavra hoje condenada, bastando isso para torná-lo um livro pouco aceitável, em nossos dias.

A verdade final, porém, é que os livros básicos da Coletânea de Pedro Leopoldo não foram escritos para o momento atual, nem para a nossa geração. Tê-lo de aguardar o futuro. No versículo 3 do capítulo 4 do livro de Malaquias, está escrito: "Eis que eu vos envio o profeta

Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor". E, realmente, Elias veio, em João Batista. Do mesmo modo, à página 88 do "Brasil, Coração do Mundo", lê-se que os nossos maiores na espiritualidade, tendo cumprido a primeira etapa de sua missão civilizadora, em nossa terra, sob o burel da Companhia de Jesus, prosseguiriam depois "sob novas modalidades". Fernão Cardim, Luiz Grã, Vieira, Asplicueta Navarro, Anchieta, Nóbrega, todos eles terão de voltar, para iniciarem a construção da Pátria do Evangelho, dando vida às teorias, para nós incompreensíveis, dos livros básicos da Coletânea de Pedro Leopoldo, obras deles mesmos. Em suas mãos, esses livros desprenderão chispas, detonarão clarões, iluminarão realizações maravilhosas, nortearão a marcha do povo destinado a ser "o maior celeiro de claridades espirituais do mundo inteiro". Sem a volta, em carne e osso, ao solo pátrio, desses espíritos superiores que têm a missão de guiar a nossa coletividade, o caos doutrinário e intelectual em que estamos, continuará e as obras que eles mesmos estão ditando, em Pedro Leopoldo, permanecerão incompreendidas.

Pedro Leopoldo é, apenas, um farol, na grande noite do Brasil de hoje.

Tenhamos, pois, paciência e esperemos humildemente. A empresa exige útils, na sua direção. Guardemos que os títãs retornem. Logo que eles comecem a agir, vivendo em nosso meio, a sua ação se fará sentir do Norte ao Sul, do Leste ao Oeste e as ovelhas, hoje desgarradas, sem rumo, acorrerão à voz dos seus pastores.

«Encontrareis uma Criança envolta em Faixas e deitada na Mangedoura»

Como é descrito o nascimento de Jesus nos textos evangélicos —
A poesia de Mateus, o silêncio de Marcos, o bucolismo de Lucas
e as alegorias de João — Curiosa descrição do nascimento de
Jesus no Alcorão, de Maomé

E' curioso o confronto dos textos evangélicos sobre o nascimento de Jesus. Cada evangelista, com exceção apenas de Marcos, que nada diz a respeito, conta o evento à sua maneira, de forma poética ou simbólica. Esta última é a forma preferida por João, que traça uma alegoria maravilhosa, para contar o aparecimento do Mestre na Terra.

Há um universo de beleza e de mistério nessas passagens evangélicas que nos dão notícia do nascimento de Jesus. Delas se serviram os poetas, em todos os tempos, para comporem verdadeiros hinos de encantamento ante a mangedoura humilde de Belém, que se transformou em berço do Messias. Damos abaixo um quadro geral das várias passagens, incluindo no final uma tradução da referência do Alcorão ao evento cristão.

Das mais interessantes essa referência, que não faz a menor alusão a José, nem à mangedoura de Belém, mas registra a anunciação do Anjo Gabriel.

NASCIMENTO VIRGINAL

O Evangelho Segundo Mateus, na chamada tradução brasileira, feita diretamente do texto grego, assim descreve o nascimento de Jesus:

“Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi desta maneira: Estando Maria, sua mãe, já desposada com José, antes que se juntassem, ela se achou grávida, por virtude do Espírito Santo. José, seu marido, sendo reto e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente. Quando, porém, pensava nestas coisas, eis que um Anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos, dizendo: José, Filho de Davi, não temas receber a Maria, tua mulher; pois o que nela foi gerado é por virtude do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, a quem chamarás Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles”.

“Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que dissera o Senhor pelo profeta: Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado Emanuel, que quer dizer Deus conosco”.

“José, tendo despertado do sono, fez como o Anjo do Senhor lhe ordenara, e recebeu sua mulher; e não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus”.

Mateus, a seguir, diz que Jesus nasceu em Belém da Judéia, e passa a relatar a visita dos Reis Magos.

MARCOS NADA DIZ

O Evangelho segundo São Marcos nada diz a respeito do nascimento de Jesus. Ele começa contando o aparecimento de João Batista no deserto da Judéia, pregando o batismo do arrependimento, e descreve depois o encontro de Jesus com o profeta:

“Naqueles dias Jesus veio de Nazaré da Galiléia e por João foi batizado no Jordão. Logo ao sair da água, viu o céu abrir-se e o Espírito, como pomba, descer sobre ele. E ouviu-se uma voz dos céus: Tu és o meu filho dileto, em ti me agrado”.

ANJOS E PASTORES

O Evangelho segundo São Lucas é o mais cheio de detalhes a respeito.

Conta o nascimento de João Batista, a anunciação do Anjo Gabriel a Maria, a visita desta a Isabel, e depois o nascimento de Jesus, da seguinte maneira:

“Naqueles dias foi expedido um decreto de César Augusto, para que todo o mundo fosse recenseado. Este foi o primeiro recenseamento que se fez no tempo em que Quirino era governador da Síria. Todos iam alistar-se, cada um à sua própria cidade. José também subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à Cidade de Davi, chamada Belém, por ser ele da casa e família de Davi, para se alistar, acompanhado de Maria, sua esposa, que estava grávida. Estando eles ali, completaram-se os dias de dar ela à luz; teve seu filho primogênito, e o enfaixou, e o deitou em uma mangedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria”.

“Naquela região havia pastores, que viviam nos campos e guardavam o seu rebanho durante as vigílias da noite. Um Anjo do Senhor apareceu-lhes, e a glória do Senhor brilhou ao redor deles, e encheram-se de grande temor. Disse-lhes o Anjo: Não temais, pois eu vos trago uma boa nova de grande gozo, que o será para todo o povo. E' que hoje vos nasceu, na Cidade de Davi, um Salvador, que é Cristo Senhor. Eis para vós o sinal: encontrareis uma criança envolta em faixas e deitada numa mangedoura”.

“De repente apareceu com o Anjo uma multidão da Milícia Celestial, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens a quem ele quer bem. Quando os anjos se haviam retirado deles para o céu, diziam os pastores uns aos outros: Vamos já até Betlém e vejamos o que aconteceu, o que o Senhor nos deu a conhecer”.

“Foram a toda pressa e encontraram Maria e José, e a criança deitada na mangedoura. E vendo isto, divulgaram o que se lhes havia dito a respeito deste menino. Todos os que o souberam se admiraram das coisas que lhes referiam os pastores. Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no seu coração. Os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus por tudo quanto tinham ouvido e visto, como lhes fora anunciado”.

ENCARNAÇÃO DO VERBO

O Evangelho segundo São João, denso de alegorias, não faz nenhuma descrição do nascimento de Jesus, limitando-se a declarar, de maneira enfática e simbólica:

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Tudo foi feito por Ele, e nada do que tem sido feito, foi feito sem Ele. Nêle estava a vida, e a vida era a luz dos homens. A luz resplandecia nas trevas, e contra ela as trevas não prevaleceram”.

Logo mais, declara: “O Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do Unigênito do Pai. João deu testemunho dele e clamou dizendo: Este é o de quem falei; Aquê que há de vir depois de mim tem passado adiante de mim, porque existia antes de mim. Pois

todos nós recebemos da sua plenitude, e graça sobre graça. Porque a Lei foi dada por intermédio de Moisés, mas a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo”.

Como se vê, Jesus é apresentado em João como o Verbo que se fez carne, para trazer luz ao mundo. E' também aquele que existia antes do mundo, e por quem “tudo foi feito”. A referência do primeiro versículo: “e o verbo era Deus”, serviu de base para o estabelecimento do dogma católico da Trindade, em que Jesus é apresentado como o próprio Deus. Sabe-se hoje que o Evangelho de João foi escrito muito depois dos outros.

O NATAL NO ALCORÃO

Muito curioso o relato do nascimento de Jesus que encontramos no Alcorão, o livro de Maomé, que é a Bíblia dos Maometanos. Depois de se referir ao nascimento e à vida de João Batista, diz o livro do profeta islamita segundo traduzimos das “Ediciones Ereilla”:

“Louva a Maria no Alcorão, celebra também a sua família e o dia em que ela se afastou, rumo ao Oriente. Tomou secretamente um véu para cobrir-se, e lhe enviámos Gabriel, nosso espírito, encarnado num homem. Ao vê-lo, não o conhecendo, Maria exclamou: A misericórdia é o meu refúgio; se tu a temes... “Sou o Enviado do teu Deus, — disse o anjo — e venho anunciar-te um filho bendito”. “De onde me virá esse filho — perguntou a Virgem — nenhum mortal se aproximou de mim, e o vício me é desconhecido”. “Não obstante, esse filho virá — replicou o anjo. A palavra do Altíssimo o assegurou, e o milagre não lhe é difícil. Teu filho será o prodígio e a felicidade do universo. Esta é a ordem do céu”.

“Maria concebeu e retirou-se para um lugar afastado. As dores do parto a surpreenderam junto a uma palmeira, e exclamou: “Deus quis que eu morra esquecida e abandonada pelos homens, antes da concepção?” “Não te aflijas — lhe disse o anjo — Deus fez correr um arroio ao teu lado. Sacode a palmeira, e verás cair-lhe tâmaras maduras. Come, bebe, enxuga teu pranto, e se alguém te interrogar, responde-lhe: Fiz um voto ao Misericordioso, e não posso hoje falar a nenhum homem”.

“Regressou ao seio da família levando Jesus nos braços. E lhe disseram: “Maria, aconteceu-te uma estranha aventura! Irmã de Aarão, teu pai era justo e tua mãe virtuosa!” Como única resposta, ela fez um sinal para que interrogassem ao seu filho, porém, lhe disseram: Dirigir-nos-emos a uma criança de peito?”.

“Sou o Servo de Deus — respondeu o menino — Ele me deu o Evangelho e me nomeou seu profeta. Sua bênção me seguirá por toda parte. Ordenou-me ser, por toda a minha vida, fiel aos preceitos da oração e da esmola. Pôs em meu coração a piedade filial e me livrou do orgulho, companheiro da miséria. A paz me foi dada desde o meu nascimento, e me acompanhará na minha morte e na minha ressurreição”.

“Assim falou Jesus, verdadeiro filho de Maria, do qual duvidou um grande número de homens”.

UNIFICAÇÃO

Órgão da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo — USE

Direção:
DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

CONSELHO DE REDAÇÃO:
J. Herculano Pires
Luiza Pessanha Camargo Branco
Luiz Monteiro de Barros
João Teixeira de Paula
Abraão Sarraf

Redação: Rua S. Amaro, 362 - Cx. P. 3.946
Telefone: 37-8637 — São Paulo

Assinatura anual Cr\$ 20,00
Número avulso Cr\$ 2,00

PARA AS SOCIEDADES ESPÍRITAS:
Desconto de 25% para 20 exemplares ou mais.

NOTICIÁRIO — Todos os órgãos da Use e entidades adesas devem enviar noticiário de suas atividades de maneira sempre resumida, bem informativa, sem comentários.

COLABORAÇÃO — Todos os confrades podem colaborar. Os trabalhos devem ser datilografados em dois espaços, numa só face do papel e não ultrapassar duas folhas do tamanho de ofício.

Impresso na LINOGRAFICA EDITORA
Rua Almirante Barroso, 478 — S. Paulo

Presença da Lenda

Os relatos acima nos oferecem uma visão de conjunto das lendas com que a imaginação popular, tão exuberante nos povos orientais, cercou o nascimento de Jesus. Nos textos primitivos do Evangelho, como demonstraram os investigadores, a lenda do nascimento virginal, por exemplo, não aparece. Essas e outras lendas foram sendo introduzidas pelos copistas, em várias épocas. As compilações de vários textos eram feitas para uso pessoal, e cada compilador adicionava ao relato o que achava melhor. O mesmo aconteceu na Índia, com o Buda, cujo nascimento também foi cercado de lendas e considerado virginal, por efeito da mesma adaptação do mito solar. Expliquemo-nos: no culto solar, o nascimento do sol era comemorado na madrugada de 25 de dezembro, quando primeiro surgia no horizonte a Constelação da Virgem, da qual nascia o sol.

Noticiário

COMEMORAÇÃO DO 13 DE NOVEMBRO DE 1949

Nos dias 14 e 15 de novembro transato, o Departamento de Juventude da FEB comemorou condignamente, pela quarta vez, a data do Acórdio de Unificação das Mocidades Espíritas do Brasil.

Os festejos iniciaram-se no sábado, dia 14, às 18,30 horas, na Congregação Franciscana de Paula, e se encerraram no domingo, às 17,30 horas, nos salões da Federação Espírita Brasileira, quando se fizeram ouvir diversos nossos valorosos companheiros.

O Departamento das Mocidades da USE se fez representar na pessoa do nosso confrade Paulo Toledo Machado.

* * *

ADIAMENTO DO SEGUNDO CONGRESSO ESTADUAL

O Departamento das Mocidades, considerando vários motivos de ordem técnica, ponderou à Diretoria Executiva da USE a conveniência da transferência da data da realização do Segundo Congresso das Mocidades Espíritas do Estado de São Paulo, anteriormente programado para os dias 22, 23, 24 e 25 de janeiro de 1954, provavelmente para os dias 28, 29 e 30 de maio de 1954.

Com esta providência espera não só sanar os inconvenientes verificados, como também fazer com que o Congresso programado se realize com absoluto êxito, social e doutrinário, a bem do progresso das Mocidades do Estado.